



## Percursos da significação: narrativa e experiência

### *Paths of meaning: narrative and experience*

Marília Romero Campos<sup>1</sup>  
Beatriz Costa Barreto<sup>2</sup>

#### Resumo

Considerando a importância da narrativa e de seu compartilhamento para produção do sujeito, da realidade, e para a ordenação do laço social, o presente trabalho constitui-se, em *termos metodológicos*, em uma revisão bibliográfica com *objetivo* de organizar um percurso teórico de contextualização para a temática. Para tanto, utilizar-se-á autores como Benjamin (2012), Fisher (1984), Todorov (2004), Koselleck (2014), Kehl (2009) para a concepção de um referencial teórico aberto para hipóteses futuras. Como *resultado parcial* do presente estudo, infere-se que no contexto atual as grandes narrativas parecem estar em declínio e que é cada vez mais rara a experiência coletiva de contar e ouvir histórias, que antes garantiam a existência de uma realidade compartilhável e transmissível através da narrativa. Nesse contexto, surgem, então, as pequenas narrativas do cotidiano – micronarrativas – como novas formas de narração contemporâneas apoiadas na subjetividade. A guisa de *conclusão*, foi possível perceber essas micronarrativas contemporâneas como resposta as fragmentações dos processos de significação da vida moderna e como um novo modo contemporâneo de organização das experiências.

**Palavras-chave:** Narrativa; Rememoração; Experiência.

#### Abstract

*Considering the importance of the narrative and its sharing for the production of the subject, of the reality, of the ordering of the social bond, the present work is constituted, in methodological terms, in a bibliographical revision with the objective of promoting a theoretical path of contextualization for the thematic. In order to do so, we will use authors such as Benjamin (2012), Fisher (1984), Todorov (2004), Koselleck (2014) and Kehl (2009) for the conception of an open theoretical framework for future hypotheses. As a partial result of the present study, it is inferred that in the present context the great narratives seem to be in decline and that the collective experience of telling and hearing stories, which before guarantee the existence of a shareable and transmissible reality through the narrative. In this context, the small narratives of everyday life emerge as new forms of contemporary narration based on subjectivity. As a conclusion, it was possible to perceive these contemporary micronarratives as an answer to the fragmentations of the processes of signification of modern life and as a new contemporary way of organizing the experiences.*

**Keywords:** Narrative; Rememoration; Experience.

#### Introdução

O homem, “sozinho entre todas as criaturas à face da terra”, é um animal contador de histórias: “vê o presente surgir do passado rumo a um futuro e compreende a realidade sob a forma narrativa” (NOVAK, 1975, p.56). Um *homo narrans*, como nos apresenta Fisher (1984), um animal ordenado por uma racionalidade condicionada pela coerência e fidelidade das histórias que narra. A coerência narrativa determinaria se as histórias têm um sentido e a fidelidade verificaria a relação das narrativas com as crenças e experiências para que sirvam como retrato do mundo. A realidade é uma coleção, uma sequência das histórias que escolhemos (REINALDO, 2008).

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza - UNIFOR e Pesquisadora na área de Psicanálise, Arte, Cultura de consumo e Subjetivação com grupo de pesquisa vigente pelo CNPq.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Pós-graduanda pelo programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará em Semiótica aplicada à literatura e áreas afins.  
Contatos: : mariliacampos@unifor.br; biaacostabarreto@gmail.com

O conceito de ‘narrativa’ aparece no dicionário Houaiss (2001) como “história, conto, narração, e por fim, modo de narrar”. A palavra ‘narrativa’ deriva do verbo ‘narrar’, cuja etimologia provém do latim *narrare*, que remete ao ato de contar, relatar, expor um fato, uma história (OLIVEIRA, 2009). Para Sodré (1988), entende-se por narrativa o discurso capaz de evocar, através da sucessão de fatos, um mundo dado como real ou imaginário situado em um tempo e espaço determinado. É através da narrativa que se pode reunir e representar no discurso as diversas perspectivas existentes sobre o tempo (BARBOSA, 2006). A narrativa por ser ordenadora dos fatos e do sentido do tempo, tem a sua performance condicionada pelo caráter temporal da experiência humana. Em *Tempo e Narrativa*, Ricoeur (1983) apresenta a hipótese da necessidade transcultural de relacionar o tempo “real” à narração, assim, o homem narra para perceber a passagem do tempo, perceptível somente através da narrativa. Ainda segundo o autor, o ato de narrar é uma forma de estar no mundo e, assim, entende-lo.

Segundo Todorov (2004), a narrativa se constituiu na tensão entre duas grandes forças. A mudança, ou seja, o inexorável curso dos acontecimentos, a interminável narrativa da vida – a história, “na qual cada instante se apresenta pela primeira e última vez”-, e a ordem, uma força que tenta organizar o caos procurando dar-lhe um sentido. Essa ordem é traduzida pela repetição ou pela semelhança dos acontecimentos: “o momento presente não é original, mas repete ou anuncia instantes passados e futuros” (TODOROV, 2004, p.22).

Kosselleck (2012) chama de espaço de experiência e de horizonte de expectativa as categorias históricas capazes de fundamentar a possibilidade de uma história. “Em outras palavras: todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou sofrem” (KOSELLECK, 2012, p.306). Para Kosselleck (2012), a experiência é o passado atual – um passado de acontecimentos incorporados que podem ser lembrados – “no sentido do passado como uma continuidade coletiva de experiência” (HOBSBAWN, 2014, p.39). Na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e conservada uma experiência alheia. Assim, “a história desde sempre é concebida como conhecimento de experiências alheias” (KOSELLECK, 2012, p.310). Ainda segundo o autor, a expectativa se realiza no hoje - o futuro presente - voltado para o não experimentado e o que apenas pode ser previsto. “Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem” (KOSELLECK, 2012, p.310). Esse par de conceitos – experiência e expectativa – não se propõem em alternância, não é possível pensar um sem o outro. Eles indicam “a condição humana universal; ou, se assim o quisermos, remetem a um dado antropológico prévio, sem o qual a história não seria possível, ou não poderia sequer ser imaginada” (KOSELLECK, 2012, p.308).

As condições da possibilidade da história real são, ao mesmo tempo, as condições do seu conhecimento. Esperança e recordação, ou mais genericamente, expectativa e experiência – pois a expectativa abarca mais que a esperança, e a experiência é mais profunda que a recordação – são constitutivas, ao mesmo tempo, da história e de seu conhecimento, e certamente o fazem mostrando e produzindo a relação interna entre passado e futuro, hoje e amanhã (KOSELLECK, 2012, p.308).

A história é uma “construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio” (BENJAMIN, 2012). O que foi dito agora pertence ao passado. O que estou prestes a dizer pertence ao futuro. Entre os dois, em algum lugar, há um ponto imaginário, constantemente móvel, que pode ser chamado de “presente” (HOBSBAWN, 2014). “O presente é instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente o chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará num imediato que absorve o instante presente e torna-o passado” (LISPECTOR, 1998, p.23). O verdadeiro sentido das histórias dos homens só é possível se desenvolver quando se é capaz de abarcar uma grande sequência temporal em um único olhar. Somente então é que “se chega a perceber a ligação secreta entre o antigo e o futuro, e se aprende a compor a história a partir da esperança e da recordação” (KOSELLECK, 2012, p.316).

O que é, para mim, o momento presente? O próprio do tempo é escapar; o tempo que já escapou é passado, e nós chamamos presente ao instante que ele escapa. Mas aqui não se pode tratar de um instante matemático. Sem dúvida, há um presente ideal, puramente concebido, limite indivisível que separaria o passado do futuro. Mas o presente real, concreto, vivido, aquele do qual eu falo quando falo de minha percepção presente, ocupa necessariamente uma duração. Onde, então, se situa essa duração? Antes ou depois do ponto matemático que eu determino idealmente quando penso no instante presente? É bastante evidente que é antes e depois ao mesmo tempo e que aquilo que eu denomino “meu presente” estende-se ao mesmo tempo sobre meu passado e o meu futuro (BERGSON, 2006, p. 153).

A história e a memória se entrelaçam, nascem de uma mesma preocupação e compartilham de um mesmo objeto: a elaboração do passado (TRAVERSO, 2007). Para Rossi (2003), o passado – através da memória – será concebido como sempre “reconstituído” e organizado sobre a base de uma coerência imaginária. A memória, assim,

coloniza o passado e o organiza na base das concepções e emoções do presente. Benjamin (2012) ao comentar *Em busca do tempo perdido*, de Proust, salienta que: “não há descritores de uma vida tal como ela, mas de uma vida tal como ela permanece na memória de quem a viveu” (BENJAMIN, 2012, p.336). É na temporalidade da lembrança que a narração inscreve a experiência, uma temporalidade que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar. Contrária à temporalidade do acontecer, ameaçada desde seu próprio começo pela passagem do tempo (SARLO, 2005). A memória é uma construção, sempre “filtrada” pelos conhecimentos adquiridos, pelas reflexões que seguem os acontecimentos e por outras experiências que se sobrepõem a primeira e a modificam (TRAVERSO, 2007). Como um fenômeno construído social e individualmente, a memória possui uma estreita relação com o sentimento de identidade – no sentido da imagem de si, para si e para os outros - é um fator de extrema importância para o sentimento de continuidade e de coerência do sujeito ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992). E assim, “fixar a pertinência dos quadros sociais, das instituições e das redes de convenção verbal no processo que conduz à lembrança.” (BOSI, 1994, p. 64).

O narrador tradicional pertencia às chamadas comunidades pré-modernas, sociedades desenvolvidas sob os valores transcendentais e comunitários, não avaliáveis em dinheiro, mas em beleza (SABATO, 2008). A passagem do tempo era percebida e marcada coletivamente, e as formas pré-capitalistas de produção contribuíam para manter o psiquismo disponível para o devaneio e as lembranças e, conseqüentemente, para transmissão da experiência. Para Gagnebin (2012), esse caráter de comunidade entre vida e palavra apoiava-se, justamente, na organização pré-capitalista do trabalho, principalmente na atividade artesanal. O artesanato, devido a seus ritmos lentos e orgânicos e o seu caráter totalizante, permite uma sedimentação progressiva das diversas experiências e uma palavra unificadora - a do artesão. O ritmo do trabalho artesanal se inscreve em um tempo mais vagaroso, tempo em que ainda se tinha tempo para contar. Segundo Benjamin (2012), os movimentos precisos do artesão, que respeita a matéria que transforma, possuem uma profunda relação com a atividade narrativa, pois esta também é, em alguma medida, uma maneira de dar forma à imensa matéria narrável, “participando assim da ligação secular entre a mão e a voz, entre o gesto e a palavra” (GAGNEBIN, 2012, p. 11).

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador[...]. Assim, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata (BENJAMIN, 2012, p.9).

Para Benjamin (2012), o narrador é um homem que sabe dar conselhos e “o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIN, 1936, p. 184). Tal saber não tem nenhuma relação com a competência ou autoridade individual, pois o único mérito do narrador é o fato de também ter sido, algum dia, ouvinte de outras narrativas (KEHL, 2009, p.159). Ainda segundo a autora, o narrador pré-moderno não é exatamente um autor, e sim, o portador de um saber que pertence à coletividade da qual faz parte. As narrativas não cumprem apenas uma função ética, mas também acrescentam um encantamento ao saber transmitido; as narrativas “dotam o passado de qualidades mágicas e preservam na vida consciente da comunidade uma série de representações e de afetos caros ao imaginário infantil” (KEHL, 2009, p.162) Para Sarlo (2005), - a narração da experiência está unida ao corpo e à voz -, há uma real presença do sujeito na cena do passado. É através das narrativas que as gerações presentes transmitem saber às gerações seguintes; um saber, ampliado pelas representações imaginárias do passado. A experiência transmitida como um anel, de geração em geração é a fonte a que recorreram todos os narradores (BENJAMIN, 2012).

A experiência tem o sentido daquilo que, ao ser vivido, produz um saber passível de transmissão e é no ato da transmissão que a vivência ganha o estatuto de experiência. Não há narrador sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: “a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum” (SARLO, 2005, p.24).

Para Benjamin (2012), com a modernidade surge uma nova espécie de miséria que aponta para a falência de todos os procedimentos de transmissão do saber, como da memória e da experiência humana através da narrativa, afetando profundamente a condição humana. Instaura-se a cultura do individualismo, da valorização da novidade e de uma temporalidade aderida a um presente eterno, pautado pela ordem das urgências. A velocidade das mudanças que se produzem a partir da Primeira Guerra Mundial modificou a relação do homem com sua própria história e com a memória de seus antepassados. (KEHL, 2009)

Benjamin (2012) aponta para o fato de o narrador não está de fato entre nós, em sua atualidade vida. Ele é algo distante, e que se distancia ainda mais. É cada vez mais raro encontrar pessoas que saibam narrar devidamente. “É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 2012). Segundo Benjamin (2012), uma das causas que teria selado esse fenômeno foi a Primeira Guerra Mundial. O frágil e desamparado corpo humano submetido, pela primeira vez na história, aos velozes e imprevisíveis bombardeios aéreos, esteve entregue à própria sorte, desligado da proteção que até então havia sido fornecida tanto pela experiência estratégica quanto pelos outros, os semelhantes submetidos às mesmas condições. Com os bombardeios a distância, não era possível contar nem ao menos com as capacidades desenvolvidas pelo treinamento militar. O homem ante a iminência de um bombardeio passava a depender de sua capacidade, cada vez mais urgente, de prestar atenção a todos os ruídos, aos mínimos sinais de alteração da paisagem à sua volta e acima dele. O combate ficava reduzido à capacidade da consciência de aparar e dar sentido imediato ao choque. (KELH, 2009)

Mesmo com a intensidade do que haviam vivido nas trincheiras, os soldados voltaram silenciosos dos campos de batalha, incapazes de transmitir, na forma tradicional das narrativas orais, o horror das situações-limite por que haviam passado: “no final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos e sim mais pobres de experiência comunicável” (BENJAMIN, 2012). Segundo Sarlo (2005), o choque teria liquidado a experiência transmissível e, assim, a experiência em si mesma: o que se viveu como choque era forte demais para o “minúsculo e frágil corpo humano”. Os homens “emudecidos”, não teriam encontrado uma forma para o relato do que tinham vivido, e a paisagem da guerra só conservava do passado as nuvens, porque sobre o resto voara o furacão de uma mudança. O que se ausentou não foi somente o relato vivido, mas a própria experiência como fato compreensível. “[...] chamamos de experiência o que pode ser posto em relato, algo vivido que não só se sofre, mas se transmite” (SARLO, 2005, p.26).

Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano (BENJAMIN, 2012, p.177).

Outros fatores apontados por Benjamin (2012) responsáveis pelo ocaso das experiências compartilháveis são o surgimento do romance e da informação jornalística. O romance tem uma natureza fundamentalmente diferente da tradição oral. A essência do romance é o indivíduo em sua solidão. No romance, sua fala não se apoia na tradição e nem a alimenta. A informação jornalística destaca-se como outra forma de comunicação tão estranha à narrativa quanto o romance. Para Benjamin (2012), a essência da informação é contrária ao saber que vem de longe, “do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição”. A informação aspira à verificação imediata, ela precisa ser compreensível em si e para si. É indispensável que seja plausível, enquanto as narrativas tradicionais recorriam frequentemente ao miraculoso. A arte da narrativa está em evitar explicações e o ouvinte é livre interpretá-la como quiser, atingindo uma amplitude que não existe na informação. Com as transformações operadas na Modernidade, uma dimensão fundamental do saber e da memória se empobreceu: a experiência, a matéria-prima da narrativa. (KEHL, 2009)

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. Nisso Leskov é magistral. (Pensem em textos como A fraude, ou A águia branca). O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 2012, p.219)

## Resultados e Discussões

“Ser um sujeito é ser capaz de empregar as “tecnologias do eu” que determinada sociedade oferece aos seus membros - é ser capaz de se perceber, se reconhecer e se inventar a partir desta gramática” (ROCHA, 2004, p.139). Trata-se de inventar, como o avesso de expressar. Não se trata de um conhecimento de si e nem de exprimir a si

mesmo no discurso, pois não pressupõe um sujeito autônomo, dotado de uma essência exterior e anterior ao discurso. A construção do sujeito é a criação de uma identidade ordenada pelas histórias que narra.

Narrar é estetizar, em alguma medida, o vivido. O ato de narrar faz parte da construção e estruturação da experiência do sujeito. A partir da narrativa tenta-se dar coerência ao mundo e justificar a existência humana tão necessitada de justificativa (REINALDO, 2008).

Uma definição simples de narrativa é aquela que a compreende como uma das respostas humanas diante do caos. Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, o sapiens organiza o caos em um cosmos. (...) Sem essa produção cultural – narrativa – o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, narrar é uma necessidade vital. (MEDINA, 2006, p.67)

Para Lyotard (1986), a narrativa é um saber que pode ser passado adiante e que situa o narrador juntamente com seus ouvintes, como elos de uma grande corrente que liga as gerações passadas às presentes, através do compartilhamento de uma experiência exemplar.

A experiência transmitida pelo relato deve ser comum ao narrador e ao ouvinte. Pressupõe, portanto, uma comunidade de vida e de discurso [...] A comunidade da experiência funda a dimensão prática da narrativa. Aquele que conta transmite um saber, uma sapiência, que seus ouvintes podem receber com proveito. Sapiência prática, que muitas vezes toma a forma de uma moral, de uma advertência, de um conselho. [...] Ora, diz Benjamin, o conselho não consiste em intervir do exterior na vida de outrem, como interpretamos muitas vezes, mas em “fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada”. Essa bela definição destaca a inserção do narrador e do ouvinte dentro de um fluxo narrativa comum e vivo, já que a história continua aberta a novas propostas e ao fazer junto. (GAGNEBIN, 2012, p.9)

Segundo Kehl (2009), a narrativa transmite uma experiência coletiva para a qual nem a morte – o mais profundo choque da experiência individual - representa um impedimento, pois tal experiência de temporalidade inclui a morte como acontecimento decisivo e necessário: “o instante de morrer não representa o encerramento definitivo da experiência de vida, mas a possibilidade solene de sua transmissão, versão secular da imortalidade” (KEHL, 2009, p.165). Saramago (1998) dizia em sua poesia: “A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa” (SARAMAGO, 1998, p.34).

Agamben (2005) ressalta que o discurso que envolve a experiência atualmente deve partir da constatação de que ela não é algo que nos seja dado a fazer. O homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência, “sua incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de que disponha sobre si mesmo” (JACQUES, 2012, p.12). Segundo Kehl (2009), a expropriação da experiência na contemporaneidade não se trata mais de uma busca moderna de se libertar das experiências, de uma questão de empobrecimento, mas de uma impossibilidade de compartilhar experiências através da narrativa. “A experiência se desconcertou e seu discurso também: Ai, quem nos poderia/ valer? Nem anjos, nem homens/ e o intuitivo animal logo adverte/ que para nós não há amparo/ neste mundo indefinido” (KELH, 2009, p.158).

[...] a experiência tem o seu correlato não no conhecimento, mas na autoridade, ou seja, na palavra e no conto, e hoje ninguém mais parece dispor de autoridade suficiente para garantir uma experiência, e se dela dispõe nem ao menos aflora a ideia de fundamentar em uma experiência a própria autoridade. Ao contrário, o que caracteriza o tempo presente é que toda autoridade tem o seu fundamento no “inexperienciável”, e ninguém admitiria aceitar como válida uma autoridade cujo único título de legitimação fosse uma experiência. Daí o desaparecimento da máxima e do provérbio, que eram as formas nas quais a experiência se colocava como uma autoridade. O *slogan*, que os substituiu, é o provérbio de uma humanidade que perdeu a experiência. (AGAMBEN, 2005, p.23)

Para Kehl (2009), o que é descrito como destruição da continuidade entre gerações não vem da “natureza” da experiência, mas da aceleração do tempo; não vem do choque que deixou silenciosos os soldados da Primeira Guerra Mundial, mas de experiências que já não se entendem e são mutuamente incomensuráveis – o que Benjamin (2012) assinalou como a impossibilidade do relato. Lyotard (1988) aponta como motivo para essa impossibilidade, a incredulidade nos metarrelatos, ou seja, um enfraquecimento do dispositivo metanarrativo como legitimação do saber narrativo. O relato – narrativa - é a forma por excelência de um saber que não se reduz à ciência, nem mesmo ao conhecimento, mas sim, às ideias de saber-fazer, de saber-viver, de saber-escutar. As histórias populares – narrativas orais- narram o que se pode chamar de formações positivas ou negativas, isto é, sucessos ou fracassos que envolvem as

tentativas dos grandes heróis. Esses relatos legitimam as instituições da sociedade ou representam modelos positivos ou negativos de integração à essas instituições estabelecidas, permitindo definir critérios que são os da sociedade nas quais são narrados.

Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um ‘suplemento’ aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam (DE CERTEAU, 1994, p. 165).

A modernidade se caracteriza pela perda da suposta harmonia entre as palavras e as coisas, pelo progresso técnico-científico, pela valorização do indivíduo e da novidade e, conseqüentemente, pelo enfraquecimento da tradição e pela desconfiança em relação a todos os procedimentos de transmissão de saber. Segundo Goff (2002), a experiência que tornava o mundo familiar desapareceu, o passado e a sabedoria dos velhos já não servem de referência para alguém se orientar no mundo moderno e iluminar o futuro das jovens gerações. “Quebrou-se a continuidade da experiência” (GOFF, 2002, p.34). Para Matos (2008), trata-se da crise da autoridade do passado sobre o presente. Hoje, o novo impõe-se ao velho. A temporalidade não é a da experiência - e sim - a de uma aceleração do presente, e fadada pela ordem das urgências, a uma oscilação na razão instrumental, o culto dos meios e esquecimento dos fins. Esse tempo é o reino das revoluções tecnológicas, do progresso.

Segundo Kehl (2009), a velocidade das mudanças que se generalizaram a partir da guerra de 1914 exigiu que as pessoas se despojassem tanto de sua própria história quanto da memória de seus antepassados. “Apaguem os rastros!”, anuncia Brecht em seu poema a atitude moderna por excelência: desvincular-se da experiência acumulada pelas gerações passadas. “Se a experiência não nos vincula ao patrimônio que herdamos, ele se torna um peso ou um adorno vazio” (KELH, 2009, p.156).

Para Benjamin (2012), o sujeito moderno, marcado pela cultura do individualismo e do narcisismo, não estaria apto a narrar e ouvir experiências, que já não seriam compartilháveis dado o seu caráter profundamente singular e, portanto, não exemplar. O cenário moderno, regido por uma intensa aceleração e uma sucessão de reinícios, faz com que aprender a partir da experiência pareça pouco recomendável. (BAUMAN, 2005). A esse tempo a experiência benjaminiana não sobrevive e ganha o status de vivência<sup>1</sup> – *Erlebnis* -, “aquilo que restou após a aniquilação do espaço para a experiência, quando o indivíduo, alienado de sua condição de sujeito, tornou-se um solitário em meio ao mundo criado pelo capitalismo.” (TIBURI, 2000, p. 88).

Para Kehl (2009), a vivência atual da temporalidade passou a ser dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, sob o mandato “proveite bem sua vida”, que poderia produzir efeitos subjetivos criativos e interessantes, se torna estéril quando essa ideia de aproveitamento junta-se à lógica da produção, da acumulação e do consumo. Há uma obsolescência programada do passado e da memória que produz um sujeito permanentemente disponível, pronto a se desfazer de suas referências em troca das novidades em oferta. Sujeito esse desligado do fio frágil que liga o presente à experiência passada, voltado avidamente para o futuro com receio de ser deixado para trás, sofre com o encurtamento da duração. “Assim se desvalorizam o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos.” (KEHL, 2009, p. 168).

Segundo Kehl (2009), a decadência das grandes narrativas corresponde à perda das referências que caracterizam o sujeito e a uma substituição dessas grandes narrativas, que resguardam sua potência em seu caráter aberto, polifônico e polissêmico, por narrativas pautadas pela objetividade, neutralidade e/ou pela singularidade, fragmentação e dispersão próprias da vida moderna. Foucault (2005), compreende o homem como um efeito das práticas discursivas. Produtos históricos, essas práticas são o que tornam possível o sujeito. Construir uma subjetividade é como criar um personagem em uma narrativa, a partir de estruturas anteriores ao sujeito. Estruturas essas que constituem as chamadas “tecnologias do eu”, ou seja, formas de produção de subjetividades. É a partir do discurso que se estabelece um fio cronológico, uma coerência psicológica e uma consistência ontológica que tornam possível toda a experiência de si. O sujeito sem o amparo das grandes narrativas deve tornar-se autor, narrador e protagonista de sua própria história.

<sup>3</sup> “O que Benjamin designa de vivencia (*Erlebnis*) corresponde ao que, do vivido, produz sensações e reações imediatas, mas não modifica necessariamente o psiquismo” (KEHL, 2009, p.160)

André Queiroz (2004), em sua literatura, anuncia a crise do narrador atual e as dificuldades de narrar na contemporaneidade: “Não há mais vestígio. Não há. A história deve ter sido apagada por um vendaval sem fim” (QUEIROZ, 2004, p.35). O vendaval é a técnica, o progresso, a aceleração sem fim dos tempos modernos que não permite o tempo vagaroso da experiência. “E então de que se faria a palavra sem corpo do narrador?” (QUEIROZ, 2004, p.35). A palavra sem corpo é a experiência moderna, “uma palavra sem fibra, palavra sem plateia, palavra sem som” (QUEIROZ, 2004, p.35).

É neste contexto contemporâneo que Costa (2009) aponta para o surgimento de um interesse nessas narrativas autobiográficas, as quais ele nomeia de “pequenas narrativas do cotidiano”: novas formas de narrativas – micronarrativas como as biografias e autobiografias - com discursos amparados na subjetividade. Para Costa (2009), o desejo de uma vida narrada e a narração de si apontam para um modo de defesa perante as fragmentações da vida moderna, ou seja, da vivência de um tempo fragmentado, que Bauman (2008) nomeia de pontilhista ou pontuado, em que cada instante contém uma totalidade em si mesmo, uma multiplicidade de instantes eternos: “mônadas contidas em si mesmas, parcelas distintas, cada qual reduzida a um ponto cada vez mais próximo de seu ideal geométrico de não dimensionalidade.” (BAUMAN, 2008, p. 46) Desse modo, a expansão dessas pequenas histórias pode ser considerada uma espécie de autodefesa perante uma tríplice fragmentação: de sentido, como o caso das grandes narrativas, da temporalidade, com a multiplicidade de instantes, e até de espacialidade, devido às novas relações em um mundo conectado e globalizado em que o próximo torna-se distante e o distante torna-se próximo (COSTA, 2009).

## Considerações Finais

O homem narra para existir no mundo, a partir das narrativas que ele estetiza, em alguma medida, o vivido, passando a organizar os fatos e a dar sentido ao tempo, ou seja, a dar uma coerência narrativa ao que vive. O que marca, portanto, a condição do “*homo narrans*”: um sujeito ordenado pelas histórias que narra (FISCHER, 1984). “O sujeito é uma construção social, e não dispõe de uma essência capaz de fundamentar suas ações e determinar suas escolhas. Nada há nele de natural ou universal: o sujeito é uma construção, um efeito, o produto de uma narrativa” (ROCHA, 2004, p. 138).

Na sociedade tradicional as grandes narrativas respondiam às principais questões relativas à existência do sujeito. Tornar-se alguém era ocupar um lugar previamente designado pela tradição, resguardada pela transmissão dessas narrativas. Segundo Benjamin (2012), desde a Primeira Guerra Mundial, parece que ficamos privados da faculdade fundamental das grandes narrativas: a de intercambiar experiência. Mesmo com a intensidade do que viveram, os soldados voltaram silenciosos, incapazes de organizar e transmitir o que viveram nos campos de batalha. O choque teria aniquilado a experiência transmissível, matéria- prima das narrativas. Outros fatores apontados por Benjamin (2012) que retratam a crise das grandes narrativas são o surgimento do romance e, sobretudo, o da informação jornalística. Esse último fator pretende rejeitar tudo que não seja novo, neutro e objetivo, exigindo uma plausibilidade e uma verificação imediata que a narrativa tradicional renega.

Atualmente, percebe-se que as grandes narrativas estão em declínio e que é cada vez mais rara a experiência coletiva de contar e ouvir histórias, que antes garantiam a existência de uma realidade compartilhável e transmissível através da narrativa. Essa crise dos grandes relatos produz um desamparo no sujeito contemporâneo que deve, a partir de então, tornar-se autor, narrador e protagonista de sua narrativa biográfica.

Nesse contexto, surgem novas formas de narrativas, micronarrativas do cotidiano que se apoiam, prioritariamente na esfera privada, na tentativa de produzir uma defesa contra as fragmentações da vida moderna. Exemplos dessas narrativas de si contemporâneas encontram-se nas Redes Sociais – Facebook, Instagram, SnapChat, Blogs – nos documentários, curtas e videocartas e na literatura. Assiste-se atualmente uma proliferação de narrativas vivenciais, ao grande sucesso mercadológico das memórias, das biografias, das autobiografias e dos testemunhos. O avanço da cultura midiática oferece um cenário privilegiado para a afirmação dessa tendência. Através dela se produz uma crescente visibilidade do privado, uma espetacularização da intimidade e uma exploração da lógica da celebridade (KLINGER, 2012).

A expansão dessas pequenas histórias pode ser vista como uma reação a uma tripla fragmentação dos processos de significações da vida: a fragmentação do sentido, com a falência das grandes narrativas como ordenadoras da existência, a fragmentação do tempo, hipervalorização do instante presente, e fragmentação da espacialidade, com um mundo conectado e globalizado (COSTA, 2009).

Essas narrativas de si são um novo modo contemporâneo de organização das experiências. Uma experiência de si como um *eu* na condição de narrador do sujeito, como alguém que é capaz de organizar sua experiência na primeira

pessoa do singular. A narrativa de si, em alguma medida, não só ajuda a organizar o tumultuoso fluir da própria experiência e a dar sentido ao mundo, mas também estabiliza o espaço e ordena o tempo, em um diálogo constante com a multidão de outras narrativas que também nos constroem (SIBILIA, 2008, p.32).

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. *Magia, técnica e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p.241-252.
- \_\_\_\_\_. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. *Magia, técnica e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p.123-128.
- \_\_\_\_\_. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p.213-240.
- COSTA, Gustavo; SILVA, Jorge Lima. *Análise da narrativa jornalística: construção de sentido pela notícia*. 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/TrPkvr>>. Acesso em: 25 mar. 2016.
- DUNKER, Christin. *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.
- FISHER, Walter. *Human communication as narration: toward a philosophy of reason, value and action*. Columbia: University of South Carolina Press, 1984.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p.7-19.
- HOBBSAWN, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia de bolso, 2014.
- KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC RIO, 2012.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LYOTARD, Jean- François. *Pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.
- MATOS, Olgaria. Modernidade: o deslimite da razão e o esgotamento ético. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Mutações: a experiência do pensamento*. São Paulo: Sesc, 2013. p.157-176.
- MUSIL, Robert. *O homem sem qualidades*. Tradução de Lya Luft e Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- NOVAK, Helga. *Die Landnahme von Torre Bela*. Berlim: Rotbuch Verlag, 1975.
- OLIVEIRA, Francine. A narrativa e a experiência em Walter Benjamin. In: CONGRESSO LUSOCOM, 8., 2009, Lisboa. *Anais eletrônicos...* Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/aqRzYg>>. Acesso em: 07 mar. 2016.
- ROCHA, Sílvia. *Sociedade de consumo: o homem sem qualidades: modernidade, consumo e identidade cultural*. São Paulo: Nova Fronteira, 2004.
- REINALDO, Gabriela. *O gesto narrativo: interações polifônicas*. 2008. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kaliopo/article/view/3813/2483>>. Acesso em: 4 mar. 2016.
- RICOEUR, Paul. *Temps et Récit: Tome I*. Paris: Editions du Seuil, 1983.
- SABATO, Ernesto. *Homens e engrenagens*. São Paulo: Papyrus, 1951.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SODRÉ, Muniz. *Best-seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ática, 1988.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2004.

**Data de submissão:** 20/02/2017

**Data de aceite:** 18/05/2017